

MEMÓRIAS ENTRE PAREDES DE PAPEL: HISTÓRIAS DE SERRA BRANCA

Fabiolla Stella Maris de Lemos Furtado Leite¹

Para início de conversa...

Por ocasião da pesquisa de campo do projeto *Resgate do Processo Histórico e Cultural do Município de Serra Branca-PB: História Local e Ensino de História*², entramos em contato com moradores deste município para realizar entrevistas temáticas com o objetivo de produzir fontes para a história deste lugar. O que nos chamou atenção foi o fato de que, com alguns moradores, o caminho trilhado quase sempre extrapolou os temas previamente definidos, apesar da opção metodológica da equipe ter sido por entrevistas temáticas. Algumas entrevistas se encaminharam para uma perspectiva de rememoração de histórias pessoais com interface com a história local³. A partir daí começamos a refletir sobre a possibilidade de desenvolver um estudo considerando a experiência de alguns moradores, relacionando-a a uma dinâmica mais abrangente que envolve a construção de um espaço local que se fundamenta em um sentimento de continuidade e pertencimento, considerado elemento constituinte da história do município. Eis a origem da motivação para a escrita deste artigo⁴.

Observamos que, em diversos relatos, foi comum ouvir as expressões “*Naquele tempo...*” e “*Hoje tudo mudou*” ou “*Hoje tá tudo diferente*”. Compreendemos que esse tempo – passado que, de algum modo, permanece têm um valor e significado importantes para alguns moradores que não se identificam com o tempo – presente⁵.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB).

² O projeto *Resgate do Processo Histórico e Cultural dos Municípios Paraibanos*, em 2010, completa 21 anos de existência. Nele são desenvolvidas atividades que visam à elaboração de livros didáticos para as escolas dos municípios paraibanos. Já foi realizado nos municípios de Ingá, Pedras de Fogo, Conde, Cabedelo e Areia. Em Guarabira, Píripituba e Boqueirão sofreu interrupção devido a problemas relacionados a financiamento. Desde 2007 está sendo desenvolvido em Serra Branca.

³ Convém esclarecer que foram realizadas trinta e duas entrevistas, das quais trinta foram feitas no próprio município e outras duas nos municípios de Campina Grande e Sapé, uma vez que dois entrevistados já não residiam em Serra Branca.

⁴ Este artigo foi composto com base nas reflexões que vem sendo desenvolvidas na dissertação (em andamento), *Pessoas que Lembram: memórias e histórias de vida de moradores do município de Serra Branca*, no PPGH/UFPB.

⁵ Com relação ao tempo aludido pelos moradores de forma saudosista, o referido tempo – passado, identificamos o recorte temporal entre as décadas de 1940 e 1970 do século passado.

Suas referências estão no passado. Passado este que deixou marcas e que, de certa forma, continua vivo na memória, fornecendo substratos de identidades para moradores de Serra Branca.

Sobre Identidade, Memória e História Local

Segundo Delgado (2010),

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História, conquanto processo, é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob a forma de conflitos. A memória por sua vez, como um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio para autorreconhecimento. (2010, p.51)

Ainda de acordo com esta autora, a vida no mundo moderno, caracterizada por um tempo veloz e mudanças constantes, passa por um processo de desenraizamento que afeta a função da memória de entrecruzar múltiplos tempos, cabendo ao conhecimento histórico tentar reconstituir esse entrecruzamento temporal considerando o fato de que o sujeito da história – o homem – é, efetivamente, o produtor de suas identidades e que isso se relaciona a sua integração à vida coletiva e, portanto, ao lugar onde vive, afinal, o espaço local se configura ao longo de um processo de produção e apropriação contínuo pelos indivíduos/grupos que mantêm relações entre si e com a natureza⁶.

Dessa forma, é necessário estabelecer vínculos entre as vidas/histórias dos moradores e a história do município, na perspectiva de elaboração de uma memória local que, ao mesmo tempo em que se circunscreve ao espaço de moradia, rompe seus limites e estabelece ligações com uma dinâmica mais ampla. Neste sentido, concordamos com Bosi (2007), quando afirma que a memória tem uma substância social, ou seja, além das experiências que os sujeitos vivenciam de forma individual, aquelas vivenciadas no interior dos grupos e por outros sujeitos, da mesma forma são incorporadas pela memória, também impregnam as lembranças e, quando evocadas, informam não apenas sobre a vida de quem lembra, mas também, das pessoas com

⁶ Entendemos o espaço não apenas em sua dimensão física, natural, mas também, como um componente constituinte das identidades relacionado às ações e subjetividades dos sujeitos. Acreditamos que laços afetivos vinculam as pessoas aos espaços onde elas vivem ou viveram.

quem se conviveu, da forma como se viveu, do tempo que já passou, das ruas e construções que desapareceram, das festas que já não animam a vida como antes.

As reminiscências da memória possibilitam, tal como outras fontes, constituir diversas versões a respeito de experiências passadas. Por isso, é importante estar livre de preconceitos ou de estereótipos e ficar atento ao ouvir as memórias dos sujeitos, pois eles trazem consigo as marcas de *seus lugares*, e estas marcas, que podem ser lembranças, esquecimentos e/ou silêncios, sempre surgem repletas de sentimentos por ter como substrato experiências compartilhadas. Disso resulta que o trabalho de apreensão pela memória suscita tanto encanto quanto exige cautela e sensibilidade.

Observamos considerações relevantes para refletirmos acerca do valor da experiência nos textos de Walter Benjamin *Experiência e Pobreza* e *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, escritos respectivamente em 1933 e 1936 que constam na obra presente nas referências deste artigo. Nas reflexões deste autor, a experiência tem um lugar central, pois autoriza os sujeitos a compartilhar uma sabedoria adquirida no mundo vivido, na vivência concreta e histórica experimentada neste mundo. Benjamin aponta o seguinte problema: “*a capacidade de intercambiar experiências está em vias de extinção*”. Isso ocorria porque a experiência humana apontava uma pobreza⁷ nunca antes observada que contribuiu para o declínio da arte de narrar, originário da invenção do romance moderno e da imprensa e agravado quando a informação passou a ser a mais importante forma de comunicação, pois, ao contrário da narração, ela se esgota em si e não tem como objetivo dar conselhos, transmitir experiências e ensinamentos.

Por um lado, apreciamos a perspectiva benjaminiana, no entanto, convém elucidar que, partindo de um ponto de vista distinto, acreditamos que a troca de experiências permanece viva e rica entre alguns grupos, como identificamos entre determinados habitantes do município de Serra Branca.

Le Goff (2003), também na perspectiva de ter na memória elementos de constituição da história, considerando histórias individuais e coletivas, tece reflexões sobre memória histórica, tratando das diferenças entre sociedades de memória oral e de memória escrita. O autor destaca o lugar que estas ocupam na construção das identidades, individual ou coletiva, apontando que elas se tornam um instrumento na luta pelo poder. Afirma ele:

⁷ Percebemos claramente um tom pessimista nos dois textos que aludem à pobreza da experiência humana avaliando a mudez que caracterizava o retorno dos combatentes da I Guerra.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (2003, p. 422)

Podemos concluir que parte significativa dos sujeitos históricos são silenciados ou excluídos do processo de reconstituição de suas próprias histórias, suas memórias são desconsideradas e/ou utilizadas de forma que não contempla suas expectativas, o que os afasta cada vez mais da consciência de que suas vidas importam à História. Para Le Goff, história e memória, nas relações que mantêm entre si, devem servir ao presente e ao futuro, buscando a libertação do homem (2003, p.471), especialmente do homem comum, para quem sempre se dirigiu o silêncio ou o esquecimento.

Neste sentido, Hobsbawm (1998) ressalva que, para a maior parte dos historiadores, as pessoas comuns, que “*constituem a maioria da raça humana*”, ficaram ausentes das discussões com relação à importância dos indivíduos na história, não deixando, portanto, marcas significativas na narrativa macro-histórica. Para ele,

(...) a espécie de pessoas cujos nomes são usualmente desconhecidos de todos exceto de suas famílias, seus vizinhos e, nos Estados modernos, as repartições que registram nascimentos, casamentos e mortes. Ocasionalmente essas pessoas são conhecidas também pela polícia e por jornalistas em busca de uma “história humana” (...)

(...) desempenharam um papel em pequenas, ou regionais, cenas públicas: a rua, a aldeia, a capela, a seção do sindicato, o conselho municipal (1998, p. 7)
[grifo do autor]

As vidas e experiências desses indivíduos traçadas no tempo compõem a matéria-prima da qual a história se constitui. Suas idéias e ações modelam o perfil da história de suas sociedades e, por outro lado, são moldadas pelos seus tempos.

Nas últimas décadas, os estudos dedicados à recortes locais se ampliaram. Percebendo o local como uma dimensão próxima do sujeito histórico, que se refere ao modo de viver a história, concordamos com Martins (2008) quando afirma que os grandes processos históricos dão sentido à história local e que esta é uma expressão particular das contradições históricas, cabendo ao pesquisador buscar os nexos que conectam os processos macro e micro.

É necessário explicitarmos o que definimos aqui como história local. Para fins do Projeto *Resgate do Processo Histórico e Cultural do Município de Serra Branca-*

PB: História Local e Ensino de História, da nossa pesquisa no mestrado e deste artigo, a história local é tomada como sinônimo de *história dos municípios*. Destarte, convém ainda apresentar algumas análises a propósito do que entendemos por história dos municípios.

Primeiramente, partilhamos da ideia de relacionar aspectos da história local a realidades mais abrangentes, em outras palavras, buscar o fim da fragmentação ou localismo/bairrismo. De acordo com Barbosa (2005),

A dinâmica das sociedades demanda a consideração em observar os vários níveis e dimensões históricas, *evitando a fragmentação dos espaços ou a imposição de uma versão interpretativa da história* que se defina como absoluta, seja ela local, regional, nacional ou internacional. (2005, p.32-33) [Grifo nosso]

Neste sentido, Reznik (s/d) afirma que:

(...) *o local alçado em categoria central de análise, pode vir a constituir uma nova densidade* no quadro das interdependências entre agentes e fatores constitutivos de determinadas experiências históricas então eleitas pela lupa do historiador. (s/d, p.3) [Grifo nosso]

Esses autores destacam a necessidade de relacionar realidades macro e micro, compreendendo que não há hierarquia entre ambas. A história local oferece uma possibilidade de atentarmos para um processo histórico que não é inferior ou menos importante que o global. É simplesmente um processo diferente, mas igualmente denso, sendo, também, perpassado por um amálgama de temporalidades e experiências.

Além disso, a apreensão da temporalidade do local – o município –, ou seja, as conexões dos tempos diversos que envolvem a história e as realidades locais, evita o risco de procurar no local explicações para processos históricos que não o atingiram. Por fim, não pensamos o município como um “pequeno todo independente”, fragmentado, que basta a si mesmo. Ao contrário, tentamos perceber as relações que este “todo particular” mantém com outros espaços (estadual, regional, nacional e internacional) e tempos (passado e presente).

Quando o pesquisador elabora suas fontes

Tal como a história – conhecimento, a memória tem como forte referência o passado. Tal como a escrita/narrativa historiográfica, a narrativa da memória fabrica

suas versões sobre o que se passou, logo, entendida como *ação que fabrica* no momento em que rememora e narra, tem relação com o presente. Ambas partem de marcas, sinais, legados por experiências passadas que não se confundem com a totalidade do passado, mas que possibilitam a elaboração de conhecimentos sobre ele. Neste sentido, a memória se constitui como um saber que produz uma determinada cultura histórica e que, conseqüentemente, transmite e recebe elementos de tantas outras culturas históricas na dinâmica temporal que envolve passado – presente. Deste modo, ela se conforma como uma fonte fundamental para o conhecimento histórico, especialmente para a história do tempo presente.

Sendo assim, compreendemos a história oral⁸ como uma importante metodologia que, por meio de entrevistas⁹, de um lado, possibilita a constituição de fontes para a história, e, de outro, como decorrência, permite que tenhamos contato com experiências históricas de sujeitos e/ou grupos excluídos, muitas vezes, avaliadas como irrelevantes ou simplesmente ocultadas. Para Alberti (2004), no entanto, a principal especificidade da história oral reside no fato de que

(...) sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado *tomados como dados objetivos*, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre nosso entendimento do passado. (2004, p. 42) [grifo da autora]

Para esta autora, a história oral torna a subjetividade apreensível, ou seja, concede-lhe uma dimensão concreta que a habilita a incorrer na realidade tal como outro fato qualquer (ALBERTI, 2004).

Percorrido todo esse caminho, passemos agora às entrevistas.

⁸ Embora a História Oral já esteja consolidada como metodologia interdisciplinar da qual a história se beneficia, basta citar alguns autores que vem desenvolvendo trabalhos recorrendo a ela, como Verena Alberti (2004, 2005), Lucilia Delgado (2010), Marieta de Moraes e Janaína Amado (2006), alguns pesquisadores vêm apresentando considerações e questionamentos, como mais recentemente, o historiador Antônio Torres Montenegro, que pôs em xeque o próprio termo história oral na sua utilização pelos historiadores. Para mais detalhes, ver entrevista concedida por ele à revista *Saeculum*, disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/>>. Marieta de Moraes e Janaína Amado, no *Usos & Abusos da História Oral (2006)*, também já apontavam algumas reflexões que indicam que, entre os estudiosos, não há um consenso sobre o estatuto da HO, uma vez que alguns tratam-na como pura técnica, outros como uma metodologia e, por fim, também é tida como uma disciplina ou campo de saber. Sem dúvida, todas essas ideias fomentam o debate sobre o estatuto da HO.

⁹ Delgado (2010), com base em uma tipologia estabelecida por Meihy (*apud* DELGADO, 2010), indica dois tipos principais de entrevistas, das quais derivariam subtipos: as *histórias de vida* e as *temáticas*. As primeiras constituem depoimentos aprofundados que buscam reconstituir trajetórias de vida de um sujeito desde a infância aos dias atuais. As segundas têm por foco determinados processos ou experiências vividos ou testemunhados pelo entrevistado.

Quando o pesquisador utiliza as fontes que elaborou...

Como já afirmamos, acreditamos que a relação entre sujeitos e espaço local se estabelece por meio das ações dos primeiros e vínculos afetivos que fornecem substratos de identidades para tais sujeitos. Dessa forma, relacionaremos memórias de alguns moradores ao espaço local do município com o intuito de observar de que forma suas lembranças nos apresentam elementos de uma cultura histórica que reconstitui uma Serra Branca que, de acordo com eles, já não existe.

Convém esclarecer ainda que a seleção das entrevistas para este artigo seguiu o critério de serem narrativas nas quais os entrevistados¹⁰ mencionaram festas como o carnaval ou a da padroeira do município, Nossa Senhora da Conceição, por considerarmos que não é possível, no limite de um artigo como este, dar conta de todos os aspectos/temas que podem ser explorados dessas fontes e, ainda, porque acreditamos que as referências a essas festas nos transmitem elementos de um tipo de relação com o passado que é importante para garantir um sentimento de continuidade para os entrevistados.

... para conhecer histórias de Serra Branca

Uma constatação feita pelos entrevistados foi a de que Serra Branca não é mais a mesma. Compreendemos o significado dessa afirmativa quando começamos a escutar seus relatos.

O que marca as memórias são lembranças e esquecimentos do tempo em que *O Ébrio*, *O Ciclone*, *Os Cinco Falcões Negros* eram exibidos no cinema que funcionou em praça pública; cantoras eram escolhidas como as melhores no programa *A Rainha do Auditório*; a rádio difusora local tocava *Renato e seus Blue Caps* no programa *Bolo de La Goma Show*; do período em que a rivalidade dos dois times locais – Vasco e Flamengo! – dividiam a população; de quando os sapateiros faziam “bagunça” na segunda-feira, dia do São Sapateiro, ou os blocos pelas ruas no carnaval; ou os leilões da festa da padroeira, na qual as concorrências entre as candidatas faziam aflorar as disputas políticas ou futebolísticas que caracterizavam tal época.

¹⁰ Selecionamos três entrevistas realizadas entre maio e junho de 2008 concedidas por: Luís Gonzaga de Holanda, Severino Ramos e Carlos Antônio Barros. Os procedimentos adotados para a execução das entrevistas seguiram o que exige a normatização que se refere a pesquisas realizadas com seres humanos conforme prescreve o Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba.

O carnaval era organizado por blocos e escolas de samba que desfilavam pelas ruas. De um lado, o bloco dos *Toureiros* (vestidos com blusão verde e calça branca com uma listra verde na calça), e, de outro, o *Não se incomode* (de blusa de laquê de mangas compridas e calça branca com uma listra vermelha). Os relatos nos indicam os trajetos dos foliões. De acordo com o Sr. Luís Gonzaga¹¹,

(...) esses blocos saíam às ruas e, antes, se mandava uma carta pra casa, né? ‘Olhe, o bloco vai visitar’, então, aquele pessoal ficava esperando, né? Então, quando o bloco chegava naquela casa o portão já estava aberto, o bloco entrava, dava uma volta na casa e tinha casa que botava uma bebida, então o pessoal bebia, né? E outras casas pregavam um dinheiro na bandeira que era pra ajudar as despesas do carnaval. Então, era o carnaval daqui, era um carnaval animado, muito disputado e todo mundo tinha interesse, todo mundo ia pra rua (...)

No relato do Sr. Carlos Barros¹², ele cantou um trecho de um samba composto por um amigo sapateiro, o Zé Preto, e também nos falou dessa festa.

Zé Preto compôs uma música muito bonita e cantada por mim tira a beleza da música, mas a música dizia mesmo assim: “*Não sei por que alguém critica de mim, é meu cachê, deixa eu bater meu tamborim. Quando eu morrer é que vou deixar de batucar e de beber*”, e por aí. (...) Zé Preto com um apito na frente puxano o carnaval (...) entrava numa casa dessas, licença não, emburacava, o povo tava com a porta aberta, a mesa cheia de galinha de capoeira e de cachaça pra gente e dava mais dinheiro na bandeira e ficava com raiva quando a gente não entrava na casa. Isso era o carnaval, rapaz, da gente. Acabou-se. [grifo nosso]

Como não desejar percorrer as ruas de Serra Branca e adentrar nas suas casas acompanhando esses foliões? Por outro lado, identificamos, nitidamente, um sentimento de ruptura/descontinuidade com relação ao tempo que passou no *Acabou-se*. Questionado sobre os motivos que levaram a esse fim, o Sr. Carlos nos afirma que foi a ‘tradição velha’ e a ‘juventude’ que, além de se acomodar com o *axé music*, não buscou se aproximar, unir as gerações porque *não sente saudades daqueles tempos*. Desta forma, ele enfatiza o conflito de gerações tão característico do mundo em que vivemos. Para o Sr. Carlos, os mais velhos não têm fôlego para alcançar os mais jovens, e estes, por sua vez, ignoram estes tempos passados.

¹¹ Luís Gonzaga de Holanda é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serra Branca. Sua entrevista foi concedida em 08/05/2008.

¹² Carlos Antônio Barros foi vereador e funcionário da Coletoria Estadual em Serra Branca. Atualmente reside em João Pessoa porque faz um tratamento médico na capital. Sua entrevista foi concedida em 27/06/2008.

No entanto, por meio dos relatos percebemos que a folia deixava transparecer aspectos da sociedade local, como, por exemplo, a diferenciação social entre ricos e pobres: o *Toureiro* representava o pessoal da elite (famílias que, inclusive, estavam à frente da política local) e o *Não se incomode* era considerado o bloco dos pobres. O Sr. Luís Gonzaga declara ainda que,

Em 1940, eu tinha seis anos (...) Nessa época saia uns blocos e aqui tinha dois blocos. Era o bloco *Não se incomode* e o bloco dos *Toureiros*. O bloco dos *Não se incomode* era o bloco dos morenos, que era chamado o bloco dos negros. Existia essa coisa. E o bloco dos *Toureiros* era o bloco dos brancos. [grifos nossos]

E afirma que “*O Toureiros não frequentava Não se incomode e nem os Não se incomode frequentava os Toureiros*”, o que confirma a disputa anteriormente referida. Outro trecho de sua entrevista indica que a rivalidade entre os blocos muitas vezes era parte das disputas mais constantes entre os times de futebol:

Até... em 1972, eu era presidente do Vasco. E existia uma disputa entre Vasco e Flamengo, né? 1972, felizmente ou infelizmente, foi o último carnaval que se teve (...) nós botamos os blocos na rua e botamos mesmo. Era briga mesmo. Passava um bloco pelo outro e xingava (...) era disputa para saber qual era o melhor. E, quando terminava o carnaval, aí nós ficávamos aguardando o domingo de Páscoa, que no domingo de Páscoa nós fazíamos outro carnaval.

A festa da padroeira do município, Nossa Senhora da Conceição, comemorada no dia 08 de dezembro também é outra festividade tradicional que vem perdendo força, de acordo com os entrevistados.

O Sr. Severino Ramos¹³ nos fez um relato bastante curioso e, do mesmo modo que os outros entrevistados, destacou o fato de que as coisas mudaram e que a juventude do município, em parte, tem “culpa” nisso.

Para ele, o pavilhão já não tem a mesma graça, pois, a disputa entre as candidatas e a vitória de uma, não despertam tanta comemoração, pelo contrário, ele destacou uma indiferença da população diante dos resultados hoje em dia, diferente dos outros tempos quando as pessoas faziam “*passada no meio da rua, grande, com a rainha da festa, ia pra o clube, amanhecia a festa (...)*”.

¹³ Severino Ramos é locutor de rádio, trabalhou no cinema e no programa de calouros, além de ser o locutor da festa da padroeira, inclusive em localidades circunvizinhas a Serra Branca. Concedeu entrevista em 09/05/2008.

No aspecto religioso, eram feitas as novenas e as procissões. Com relação ao aspecto profano, existiam os leilões de galinha, a competição entre os cordões azul e encarnado no Pastoril, a apresentação da banda de música (marcial) já na madrugada acordando a cidade, o caritó e os bilhetinhos de fofocas. É interessante observamos como essa festa, especialmente, é um momento importante de sociabilidade entre os habitantes do município porque congrega tanto os que vivem na zona urbana quanto os da zona rural, tanto os ricos quanto os pobres. Todos podem participar.

Relembrando seu trabalho como locutor da festa, o Sr. Severino nos esclarece como funcionava o caritó: *“Cercava uma área, aí as meninas do pavilhão chegava, num homem ou numa mulher, aí pegava e levava pra lá, aí se alguém quisesse soltar, se fosse um paquera, aí pagava, aí soltava”*. Em outro momento ele denuncia que, naquela época as meninas faziam questão de serem garçonetes para trabalhar no pavilhão, o que é um indício de que havia uma mobilização de diversas pessoas para realizarem a festa que ultrapassava o empenho do pároco, bem diferente de agora quando elas ignoram a função.

Sobre esse tempo, ele conclui afirmando que *“Hoje todo mundo lembra, né? Naquela época era diferente, era melhor”*.

Gostaríamos de destacar também uma pequena passagem da entrevista com o Sr Carlos Barros:

(...) eu mesmo não troco isso aqui por nada na vida. Paris... (...) Hoje to morando em João Pessoa por motivo alheio à minha vontade, mas, se não, era aqui. Aqui. Aí moro na praia do Bessa, já pensou? Detesto. Porque não é meu povo, sabe? Meu povo é esse. Ficar debaixo daquele pé-de-pau conversando com doido, com aquele povo. Aí a gente sofre muito, sofre demais porque não tem mais aquilo (...)

Acreditamos que, considerar as histórias de sujeitos/pessoas comuns, por meio de depoimentos, possibilita entrarmos em contato com memórias cujas lembranças ultrapassam as experiências das individualidades, nos fornecendo resquícios de experiências passadas que devem ser levados em conta na elaboração de uma memória local mais democrática, diferente dos trabalhos tradicionais que apontam os chefes políticos ou as elites locais como sujeitos históricos. Por isso, acreditamos que a HO é uma ferramenta importante para o desenvolvimento de pesquisas que refletem sobre as histórias dos municípios. Ela permite a constituição de fontes históricas recorrendo à memória que podem apresentar versões desconsideradas, mas que, efetivo e definitivamente, compõem a história local.

Ressaltamos, por fim, que este artigo é parte das nossas primeiras impressões de um trabalho ainda em construção.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. *Contribuições para pensar, fazer e ensinar história local*. 2005. 247p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, vol. 1)

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 14ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELGADO, Lucilia Neves de Almeida. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Leitura, Escrita e Oralidade)

FERREIRA, Marieta de Moraes AMADO, Janaína; (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 7-8.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. 5ed. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003, p. 419-476.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2008.

REZNIK, Luís. *Qual o lugar da história local?*. Disponível em: <http://www.historiadesaogonçalo.pro.br/txt_hsg_artigo_03.pdf> Acesso em: 09 de novembro de 2008.

Memórias, percursos e reflexões: com Antônio Torres Montenegro. Entrevista concedida a *Saeculum* – Revista de História, em abril de 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/>>. Acesso em: 01 de junho de 2010.

Entrevistas concedidas à equipe do projeto de História Local:

Carlos Antônio Barros, em 27/06/2008

Luís Gonzaga de Holanda, em 08/05/2008

Severino Ramos, em 09/05/2008